

Suas Magestades e Altesas
passam sem novidade em suas
importantes saudes.

O ladrão continua socegado
na posse de seus roubos:

NOVA ARTE DE FURTAR INVENTADA PELO CONDE-CALECHE.



a quem affirme que o homem do caleche apanhou aos nossos vizinhos no anno de 1847 a grã cruz de Isabel a Catholica, para a vender em Portugal a quem melhor lhe pagasse; mas o que nem todos sabem é o logro em que cahiu o insigne ladrão, confiando na generosidade de um comprador que, se bem lhe havia já dado provas de pagar, como nenhum outro pertendente, as graças e as mercês, não estava disposto a dar mais quintas e mais dinheiro por titulos e condecorações. O descarado concussionario e ladrão, de quem seu irmão, o José dos conegos, disse no *Estandarte* — que mettia a alma na bolsa — dirige-se a casa do visconde de F..... levando na sua companhia uma filha de cinco annos — a menina é a portadora do diploma da grã cruz, entrega-o ao visconde de F..... e repete-lhe um *speech* que o papá lhe tinha ensinado. — O visconde accieita o presente e agradece a lembrança; mas, oh fatalidade! o visconde de F..... não dá mais quintas, nem mais dinheiro, não quer mais afilhadas; manda no dia seguinte á menina duas caixas de pèçegos de Coimbra, para adoçar a bôca ao papá.

NECROLOGIA.



oi deus servido levar da vida presente no dia 23 do corrente mez a sr.^a D. Liberdade d'Imprensa, dama mui preñdada e natural destes reinos.

Perseguidora acerrima das velhacadas, chamava ás cousas pelos seus nomes; por isso não tratou nunca os dous cabraes senão por dous ladrões. Daqui nasce todo o seu mal. Atacada d'uma molestia nova na scien-

cia, e que depominaremos *cholera cabralista*, conservou á cabeceira até aos derradeiros momentos o padre Marcos, que a matou mais depressa, e o medico assistente e doutor Albano, que lhe applicou os remedios mais violentos, a fim de lhe dar rapidamente cabo da pelle.

O cavalheiro Recta-pronuncia cospiu in *articulo mortis* no cadaver d'esta senhora, dirigindo-lhe quando já moribunda os epithetos mais afrontosos — taes como desan-fona, faca em mãos de menino, camar-tello, machado, menestrel e jumento (com o devido respeito da maioria).

A desgraçada exhallou a vida entre os berros do José dos Conegos e as monices de Antonio José d'Avila — quer dizer, foi morta violentamente — expirando como Christo entre o bom e o não ladrão.

O seu cadaver vai ser dado á terra; são portanto convidados para esta ultima cerimonia funebre os seus numerosos apaixonados.

Não ha pompas — nem vaidades — D. Liberdade vai na tumba dos *gatos pingados*, e acompanham o cortejo por irrisão em traje do *Lagoia* o pai Julião que por sobrenome não perca, João Rebello, Pereira dos Reis, e de Mello, e outros *pe-reiras*, cujos fructos são bem conhecidos.

D. Liberdade fez testamento, nomeando por seu testamenteiro ao proscripto Mazzini, e instituindo por universal herdeiro o povo francez.

Foi casada por muitas vezes, e deixou apoz si um numeroso exercito de filhos, que inconsolaveis deploram a morte de sua mãe!

Que a terra lhe seja leve!

DISCURSO

Do Sr. Recta-Pronuncia na sessão do dia 22.



Sr. presidente. — Eu sou o primeiro que devia ser o ultimo que impugnasse a imprensa! Sr. presidente, eu quero matar a morte! Sim, sr. presidente, em quanto a morte tiver vida não teremos liberdade. Estou aqui por que a imprensa assim o quiz!

A morte da imprensa é a vida. Os carpinteiros tem plainas, os trabalhadores tem enchadas, porém, sr. presidente, não confundamos as questões, a vida não é a morte!!! (repetidos apoiados) e se a morte morrer acaba a vida (apoiados da direita) Não nos venham dizer que um paiz não

póde viver sem vida por que á isso repõdo *mortus est in casa d'alhos*, e applico eu com dobrada rasão a imprensa! Sr. presidente, dê-me um ferio, um toque, um punhal, um varapão, e eu mato a morte (repetidos apoiados.) Sim, se Deus me der vida e saude sou eu que heide acabar com a morte. A imprensa, sr. presidente, não ha nada mais bello! pois ha nada como escrever!!! Em 1835 a maquina infernal em França matou muita gente, porém a imprensa é a maquina celestial.

Senhores! Eu queria fallar por figura, porém não direi o que queria dizer (vozes, diga, diga.)

O orador. — Não digo [vozes falle, falle].

O orador. — Senhores? Sabeis o que seja um menestrel? Era um homem que nos tempos fundaes tocava sanfona nas cavallariças (repetidos apoiados). Pois nós os filhos do povo, nós em 1850, não havemos querer liberdade! (chora) eu eston convencido que fallo por convicção [apoiado prolongado]. A sanfona era a imprensa dos antigos, e esta verdade me leva a dizer que « nós queremos matar a morte da liberdade da imprensa; e quem quer matar a morte da liberdade da imprensa não quer matar quer lhe dar vida. » Sr. presidente! Seja-me permitido tocar sanfona e agradecer á camara a benevolencia com que me tem aturado (repetidos apoiados: sessenta cossacos vem abraçar o illustre asno.)

Classificação de rafeiros, segundo Bernardo Garção Henriques.

Rafeiro Recta — Pertence á classe dos cães de pello curto — é pouco intelligente e mais propriamente se deve collocar entre os fraldiqueiros

Rafeiro Mello — Irascivel, de bom olfato, mas docil e obediente ao acêno do seu senhor; ladra muito, e cão que ladra não morde.

Rafeiro cadastrone — Raça apurada meia italiana — meia portugueza; optimo para conduzir rebanhos.

Rafeiro Reis. — Atravessado de terranova e fila; excellentes para uma porta de quinta.

Rafeiro Europeu — Cão velho, desdentado e de cauda pellada; no entanto ainda apto para o serviço.

Rafeiro Tojaly. — Assemelha-se muito ao *Bulldog* dos inglezes.

Rafeiro de la Catana. — Manhoso e de pouco prestimo.

Rafeiro Preto. — De pouco trabalho e muito alimento. Esta raça costuma facilmente ser atacada de hydrophobia, isto é, horror á agua.

Rafeiro Correia. — Especie de *doguei-nho*, ou por outra — vulgarmente chamado cão de senhoras pelos muitos afagos com que gosta de ser tratado.

Rafeiro Julião. — Raça desconhecida e absolutamente inutil.

Rafeiro Vargas. — Froixo, de complexão branda e amante de estar sempre a dormir.

Rafeiro Branco. — Cão sem pello, da 3.^a cathégoria, segundo Buffon — Ignora-se por ora a sua utilidade.

Rafeiro Ferreri. — Raça que toca proximamente na dos gosos; indolente — e sem outra intelligencia que a de conhecer seu dono.

Além das especies que deixamos mencionadas, existem outras de que não fazemos menção pela sua insignificancia.

S. reverendissima tem conseguido por mais d'uma vez vêr estrellas ao meio dia.

O conde de tomar foi para a sua quinta da Mealhada acompanhado por uma numerosa escolta de cavallaria por causa dos ladrões. Que tal está o epigramma!



alvez em poucos dias nos venha parar ás mãos um importante documento de um clérigo bebedor, e ex-espião; publica-lo-hemos. Não teremos comiserção contra esse inimigo da imprensa. Embebede-se embora, mas não tenha mão vinho.

ERRATA.

N

o Supplemento Burlesco do sabbado 23 do corrente, onde se lê — « os estatutos do mordomo Ruivo da Espera » — deve lêr-se — os estatutos do moderno Ruivo da Espera. —

O Ruivo da Espera foi o maior e mais destemido capitão de ladrões que appareceu em Portugal desde o principio da monarchia até 1806. epocha em que foi preso na calçada da Estrella.

Notavel coincidência!

Editor Responsavel, M. J. Coelho.

Typ. de M. J. Coelho, Rua do P. dos Negros, n.º 64.



O RETA MATANDO A MORTE

Lith. R. do Crucifixo N.º 13